

© da tradução, Marilene Felinto, 1992

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Alcoforado, Mariana, 1640-1723

A331c Cartas de amor/Mariana Alcoforado; tradução e
apresentação, Marilene Felinto. — Rio de Janeiro:
Imago Ed., 1992.
116p. (Coleção Lazuli)

Tradução de: Lettres portugaises traduites en français.
ISBN 85-312-0212-4

1. Alcoforado, Mariana, 1640-1723 — Correspondência.
2. Chamilly, Noel Bouton, Conde de, 1636-1717.
3. Cartas portuguesas. I. Felinto, Marilene, 1957-
II. Título. III. Série.

92-0816

CDD — 869.6
CDU — 869.0-6

Todos os direitos de reprodução, divulgação
e tradução são reservados. Nenhuma parte
desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia,
microfilme ou outro processo fotomecânico.

1992

Direitos adquiridos por IMAGO EDITORA LTDA.
Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio
CEP 20250-430 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 293-1092

Impresso no Brasil
Printed in Brasil

Mariana Alcoforado

Cartas de Amor

Tradução e apresentação Marilene Felinto

Imago

Apresentação

No ano de 1669, surgiu em Paris um livro intitulado *Lettres portugaises traduites en français* ("Cartas portuguesas traduzidas para o francês"), publicado por Claude Barbin, o editor de La Fontaine e de Mme. de La Fayette.

Eram cinco cartas, escritas por uma freira portuguesa a um oficial do exército francês. Mas não se sabia o nome da freira, o nome do oficial nem o de quem tornara públicas as cartas.

Esse mistério, além do tom excitante das cartas, seria responsável pelo extraordinário sucesso do livro. Entretanto, nesse mesmo ano de 1669, saía outra edição das *Cartas* em Colônia, onde se apresentava como tradutor o conde de Guilleragues, e como destinatário das mesmas o conde de Chamilly, um oficial francês que estivera a serviço militar em Portugal.

Somente em 1810 o crítico literário francês Boissonade, em notícia no *Journal de L'Empi-*

abandonar você para sempre, prefiro não deixar você para nenhuma outra.

Será que você seria cruel o suficiente para usar meu desespero no intuito de se mostrar ainda mais atraente, gabando-se de ter provocado a maior paixão do mundo? Adeus mais uma vez. Escrevo cartas muito longas, não tenho consideração por você. Peço que me perdoe. E ouse esperar que você tenha alguma indulgência por uma pobre insensata que — como você sabe — não era assim antes de amar você.

Adeus. Reconheço que falo demais do estado insuportável em que me encontro: mas agradeço a você, do fundo do meu coração, o desespero que você me causa; detesto a tranquilidade em que eu vivia antes de conhecer você. Adeus. Meu amor aumenta a cada momento. Quanta coisa ainda tenho para dizer!

Quarta Carta

Acho que acabo causando um mal enorme aos meus sentimentos quando me esforço para explicá-los a você numa carta. Como eu ficaria feliz se você pudesse compreendê-los pela intensidade dos seus! Mas não devo confiar em você, nem posso deixar de dizer — ainda que sem a violência com que sinto — que você não devia me maltratar desse jeito, com um desprezo que me leva ao desespero, e que chega a ser vergonhoso para você. É justo que você suporte pelo menos as queixas dessa infelicidade que previ quando você decidiu me deixar.

Sei muito bem que me enganei ao pensar que sua atitude era mais bem-intencionada do que de costume; afinal, meu amor extremado parecia colocar-me acima de quaisquer suspeitas, e merecer mais fidelidade do que é normal encontrar. Mas a sua disposição de me trair venceu enfim a justiça que você devia a tudo o que fiz por você. Minha infelicidade

não acabaria se eu soubesse que você me ama somente porque eu amo você — eu que queria dever tudo unicamente ao seu desejo natural por mim. Mas essa possibilidade é tão remota que já estou há seis meses sem receber uma carta sua.

Atribuo toda essa infelicidade à cegueira com que me deixei unir a você. Não devia eu ter previsto que meu prazer terminaria mais depressa que meu amor? Como eu podia esperar que você ficasse em Portugal pelo resto de sua vida, que renunciasse a seu futuro e a seu país para pensar somente em mim? Não há alívio possível para meu sofrimento, e a lembrança daquele prazer me enche de desespero. Será que todo o meu desejo foi inútil, então, e que jamais verei você de novo em meu quarto, cheio do ardor e do êxtase que me mostrava? Meu Deus, como me iludi!

Sei que todas as emoções que ocupavam minha cabeça e meu coração só despertavam em você no momento de certos prazeres; e que, como eles, logo desapareciam. Durante aqueles momentos tão felizes, eu devia ter apelado à razão e moderado o fatal exagero da delícia do prazer, e me prevenido contra tudo o que hoje sofro. Mas eu me entregava tão inteira-

mente a você que não tinha condição de pensar em nada que fosse destruir minha alegria e me impedir de gozar plenamente o testemunho ardente de sua paixão. Sentir que eu estava com você era tão maravilhoso que eu não tinha como imaginar que um dia você estaria longe de mim.

Eu me lembro, porém, de ter dito algumas vezes que você me faria infeliz; mas esse medo logo se dissipava, e eu tinha prazer em sacrificá-lo e me render à graça e à falsidade de seus protestos. Vejo qual é o remédio para todos os meus problemas, e logo ficaria livre deles se não amasse mais você. Mas que remédio nada! Prefiro sofrer mais ainda do que esquecer você. Será que isso depende de mim? Não posso me repreender por querer, durante um único momento, deixar de amar você. Sua situação é mais lamentável do que a minha; é melhor sofrer tudo o que sofro do que gozar dos prazeres insípidos que suas amantes lhe proporcionam aí na França. Não invejo sua indiferença, e você me dá pena. Desafio você a me esquecer para sempre. Orgulho-me de tê-lo conduzido a um estado tal que somente comigo você experimente o prazer perfeito; e sou mais feliz do que você, porque tenho mais ocupações.

Há pouco tempo fui nomeada porteira desse convento. Todos os que falam comigo acham que sou louca. Não sei o que responder a eles. E acho que as freiras são tão insensatas quanto eu ao me julgarem capaz de algum encargo. Como invejo a sorte de Emanuel e Francisco!¹ Por que não estou sempre a seu lado como eles? Eu teria acompanhado você e servido você melhor que eles, com certeza. A coisa que mais desejo no mundo é ver você. Pelo menos você se lembra de mim? Essa simples lembrança já me contenta, embora não ouse ter certeza disso. Quando eu via você todos os dias, não limitava minhas esperanças à lembrança que você tinha de mim; mas você me ensinou a me submeter a todos os seus desejos. Apesar disso, não me arrependo de ter adorado você, e acho maravilhoso que você tenha me seduzido.

Sua ausência cruel, e talvez definitiva, não diminui em nada o êxtase do meu amor. Quero que o mundo inteiro saiba dele, não faço segredo, e me sinto feliz por ter feito tudo o que fiz por você, ainda que contra todo tipo de decência. E já que cheguei a esse ponto, que minha honra e minha religião só me sir-

¹ Dois criados portugueses (nota da edição original).

yam para amar você perdidamente por toda a minha vida. Não estou dizendo tudo isso para obrigar você a me escrever. Não se incomode. Nada quero de você que não seja espontâneo, e recuso todas as provas de amor que sejam forçadas. Terei prazer em perdô-lo se for confortável para você não me escrever. Sinto profunda disposição de perdoar todas as suas faltas para comigo.

Um oficial francês teve a caridade de me falar de você durante três horas essa manhã. Ele me disse que a França já está em paz. Se é assim, você não poderia vir me ver e me levar para a França? Mas eu não mereço. Faça o que você quiser. Meu amor não depende mais da maneira como você me trata. Depois que você partiu, eu não tive um único instante de saúde; e não experimentei qualquer outro prazer que o de chamar seu nome mil vezes ao dia. Algumas freiras, que sabem do estado deplorável em que você me afundou, falam-me de você muitas vezes. Saio o mínimo possível desse quarto onde você veio tantas vezes, e passo o tempo todo olhando para o seu retrato, que me é mil vezes mais querido que minha própria vida. É um prazer olhar para ele, mas também me faz sofrer quando penso que

talvez nunca mais eu veja você. Como é possível que eu nunca mais vá ver você? Será que você me abandonou para sempre? Estou desesperada. Sua pobre Mariana já não agüenta mais, vai desmaiar ao terminar essa carta. Adeus. Adeus, tenha pena de mim.

Quinta Carta

Escrevo-lhe pela última vez, e espero que você perceba – pela diferença de termos e de atitude desta carta – que você conseguiu enfim me convencer de que já não me ama, e de que portanto eu não devo mais amá-lo. Enviarei, pois, na primeira oportunidade, tudo o que me resta de seu. Não tema que eu ainda vá lhe escrever. Não colocarei sequer seu nome no pacote. Encarreguei Dona Brites de todos esses detalhes, ela que já estava se acostumando a outro tipo de confidências, tão diferentes disso. As providências dela serão menos suspeitas que as minhas. Ela tomará o cuidado necessário para garantir que você receba o retrato e as pulseiras que me deu.

Mas quero que você saiba que, já faz alguns dias, tenho sentido vontade de queimar e despedaçar essas provas de amor que já me foram tão queridas. Por outro lado, tenho demonstrado tanta fraqueza que você pode não acreditar que eu seja capaz de chegar a esse

ponto. Quero sentir ao máximo a angústia de me separar delas, e que isso cause pelo menos alguma irritação em você.

Confesso, para vergonha minha e sua, que me vi mais apegada a essas futilidades do que quero lhe dizer, e que precisei de novo reunir todas as minhas forças para me separar de uma delas em particular, mesmo quando já me gabava de não estar mais tão ligada a você.

Mas, com tantos motivos, chega-se sempre onde se quer. Pus tudo nas mãos de Dona Brites. Quantas lágrimas me custaram essa decisão! Depois de mil impulsos e mil incertezas que você nem imagina, e que não vou lhe explicar, implorei a Dona Brites que não me volte a falar nelas, que nunca mais me entregue nenhuma delas, mesmo que eu peça para vê-las só mais uma vez, e, por fim, para enviá-las sem me avisar.

Não percebi o exagero do meu amor senão quando fiz todos os esforços para me curar dele; e acho que não ousaria tentar se pudesse prever tanta dificuldade, tanta violência. Estou convencida de que teria sido menos angustiante continuar a amá-lo, apesar de sua ingratidão, do que deixá-lo para sempre. Descobri que amava você menos que à minha própria

paixão, e senti uma angústia horrível por ter que combatê-la, depois que sua atitude indigna tornou você odioso para mim.

O orgulho comum às mulheres não me ajudou a tomar decisões contra você. Meu Deus! Suportei seu desprezo, e teria suportado seu ódio, e todo o ciúme que seu amor por uma outra mulher despertaria em mim. Pelo menos teria uma paixão qualquer para combater. Mas sua indiferença é insuportável. Seus impertinentes protestos de amizade, e a ridícula civilidade de sua última carta me fizeram ver que você recebeu todas as outras que lhe escrevi, e que, embora tenha lido todas, elas não perturbaram em nada seu coração. Ingrato! Minha loucura ainda é tamanha a ponto de eu ficar desesperada por não poder me iludir achando que elas não chegaram até você, que não lhe foram entregues.

Detesto sua franqueza. Por acaso eu lhe pedi para me dizer a verdade nua e crua? Por que não me deixou com minha paixão? Não precisava ter escrito, eu não estava à procura de explicações. Já não me basta a infelicidade de não ter conseguido de você o cuidado de não me iludir? Seria necessário também não poder mais lhe perdoar? Fique sabendo que estou

convencida de que você não merece meus sentimentos, e que agora conheço toda a sua perversidade.

Mas se tudo o que fiz por você pode merecer alguma consideração de sua parte quando eu lhe pedir algum favor, imploro para que não me escreva mais, e para que me ajude a esquecê-lo completamente. Se você demonstrasse alguma tristeza, por pouca que fosse, ao ler esta carta, talvez eu acreditasse; mas talvez também sua confissão e seu arrependimento me causassem desgosto e raiva, e tudo isso poderia de novo me inflamar.

Por isso, não interfira nos meus atos; sem dúvida você destruiria todos os meus projetos, fosse lá como quisesse interferir neles. Não me interessa o destino dessa carta. Não perturbe o estado de espírito que venho me preparando. Parece que você consegue viver sem culpa pelo mal que me causou, qualquer que tenha sido sua intenção de me magoar. Não me tire dessa incerteza. Espero, com o tempo, transformá-la em alguma tranquilidade. Prometo não odiar você — desconfio muito de sentimentos violentos para ousar alimentá-los.

Estou certa de que encontraria aqui no meu país um amante melhor e mais fiel. Mas quem

poderá me amar? A paixão de outro homem conseguiria me envolver? Por acaso a minha conseguiu ter algum efeito sobre você? Já não tenho provas de que um coração apaixonado nunca mais esquece quem lhe revelou emoções que ele não conhecia mas de que era capaz? de que todos os seus impulsos estão ligados ao ídolo que criou para si mesmo? de que suas primeiras impressões e suas primeiras feridas não podem ser nem curadas nem apagadas? de que todas as paixões que se oferecem para ajudá-lo, e se esforçam para preenchê-lo e alegrá-lo, prometem-lhe em vão um afeto que ele não encontrará mais? de que todos os prazeres que ele procura, sem nenhuma vontade de encontrar, não servem senão para lhe mostrar que nada lhe é mais caro que a lembrança de seu sofrimento? Por que você me fez conhecer a imperfeição e o desencanto de uma união que não duraria eternamente, e a angústia que resulta de um amor violento que não é correspondido? E por que uma vontade cega e um destino cruel insistem quase sempre em nos ligar àqueles que só por outros se interessam?

Mesmo que eu pudesse esperar algum divertimento de um novo namoro, e que encon-

trasse alguém sincero, sinto tanta pena de mim mesma que teria muito escrúpulo de levar nem que fosse o último homem do mundo ao estado em que você me reduziu. E embora eu não tenha obrigação nenhuma de lhe guardar respeito, não conseguiria me decidir a uma vingança tão cruel contra você, mesmo que, por uma mudança imprevista, isso dependesse de mim.

Procuro nesse momento desculpar você, e sei muito bem que uma freira não deve ser amada; mas acho que, se a razão fosse usada no momento da escolha, devia-se preferi-las às outras mulheres — nada as impede de pensar incessantemente em sua paixão, nem se deixam distrair por mil coisas que dispersam e ocupam as outras. Imagino que não deve ser muito agradável ver aquelas a quem se ama sempre distraídas por futilidades; e é preciso ter bem pouca sensibilidade para suportar, sem irritação, ouvi-las falar o tempo todo de reuniões, enfeites e passeios. Vive-se constantemente exposto a novos ciúmes, porque elas não conseguem se livrar de certos olhares, certos favores, certas conversas. Quem pode assegurar que nessas ocasiões elas não experimentem algum prazer, e que apenas aturem

os maridos, com extremo desgosto e má vontade? Como elas vão desconfiar de um amante que não lhes cobre tudo isso, que acredite facilmente, e sem preocupação, em tudo o que disserem, e que as veja, confiante e tranqüilo, sujeitas a todas essas obrigações!

Mas não pretendo provar-lhe, com boas razões, que você devia me amar. Esses são meios muito sórdidos, mas já usei outros bem melhores que não deram resultado. Conheço muito bem o meu destino para tentar mudá-lo. Serei uma infeliz pelo resto da minha vida. Já não era quando via você todos os dias? Morria de medo de que você não fosse fiel; queria ver você a todo instante, mas isso não era possível; ficava preocupada com o perigo que você corria ao entrar nesse convento; mal vivia quando você estava em serviço; me desesperava por não ser mais bonita e mais digna de você; reclamava contra a mediocridade da minha condição; achava sempre que o apego que você parecia ter a mim podia lhe trazer problemas; pensava que não o amava o suficiente; tinha medo do ódio de minha família por você; enfim, encontrava-me num estado tão lamentável como o em que me encontro agora.

Se você tivesse dado provas de sua paixão depois que saiu de Portugal, eu teria feito todo o esforço para sair daqui; teria até me disfarçado para ir a seu encontro. Meu Deus! O que teria sido de mim se você não se importasse comigo depois que já estivesse na França? Que horror! Que loucura! Que vergonha enorme para minha família, a quem tanto quero, depois que deixei de amar você!

Como você pode ver, reconheço friamente que eu podia ser ainda mais digna de piedade do que sou. Pelo menos uma vez na vida falo com você de forma ponderada. Como vai lhe agradar minha moderação, e como você ficará satisfeito comigo! Mas não quero saber! Já lhe pedi, e volto a suplicar, para não me escrever mais.

Você já pensou na maneira como vem me tratando? Nunca pensou que me deve mais obrigações do que a qualquer outra pessoa no mundo? Amei você como uma louca, desprezei todo o resto! Seu comportamento não é o de um homem honesto. Seria preciso que você tivesse por mim uma aversão natural para não ter me amado perdidamente. Deixei-me fascinar por qualidades muito medíocres. O que você fez para me agradar? Que sacrifí-

cios fez por mim? Não procurou mil outros prazeres? Por acaso renunciou ao jogo e à caça? Não foi o primeiro a partir em campanha? Não foi o último a voltar? Você se expôs loucamente, por mais que eu tenha lhe pedido que se poupasse por amor a mim. Nunca procurou meios de se estabelecer em Portugal, onde você era querido. Uma carta de seu irmão foi o suficiente para fazê-lo partir, sem qualquer hesitação. Pois eu vim a saber que, durante a viagem, seu humor era o melhor do mundo.

Confesso que sou obrigada a odiar você mortalmente. Fui eu própria que atraí para mim toda a minha infelicidade! Desde o início, e ingenuamente, acostumei você a uma grande paixão, quando é necessário algum artifício para se fazer amar. É preciso procurar com habilidade as formas de agradar: o amor por si só não desperta amor. Como você queria que eu o amasse, e como tinha planejado esse objetivo, fez tudo que pôde para consegui-lo. Teria até se decidido a me amar, se tivesse sido necessário. Mas percebeu que não era necessário amor para obter êxito em seu empreendimento, e que não precisava dele para nada. Que crueldade! Você pensa que pode me en-

ganar assim impunemente? Se por acaso você voltar a este país, juro que o entregarei à vingança de minha família.

Vivi muito tempo num abandono e numa adoração que me horrorizam, e meu remorso me persegue com uma dureza insuportável. Sinto enorme vergonha dos crimes que você me fez cometer; já não tenho, coitada de mim, a paixão que me impedia de perceber a extensão deles. Quando meu coração deixará de se sentir despedaçado? Quando é que me livrarei dessa vergonha cruel? Apesar de tudo, acho que não lhe desejo nenhum mal, e acabo admitindo que você seja feliz. Mas como você vai conseguir, se é que tem coração?

Quero ainda lhe escrever uma outra carta, para lhe mostrar que, daqui a algum tempo, estarei mais tranqüila. Com que prazer haverei então de reprimir seu comportamento injusto, já que não estarei mais tão intensamente tocada por ele. Você vai perceber que o desprezo; que falo de sua traição com a maior indiferença; que esqueci todo o meu prazer e sofrimento, e que só me lembro de você quando quero me lembrar!

Concordo que você tem muitas vantagens sobre mim, e que você me despertou uma pai-

xão que me fez perder a razão; mas você não devia se envaidecer disso. Eu era jovem, ingênua; fecharam-me neste convento desde menina; só tive contato com gente desagradável; nunca tinha ouvido os elogios que você me dizia freqüentemente; parecia que só a você eu devia o encanto e a beleza que você descobriu em mim, e a qual me fez perceber; eu só ouvia coisas boas a seu respeito; todo mundo me falava a seu favor; e você fazia de tudo para despertar o meu amor. Até que, por fim, livre-me do encantamento. Você me ajudou muito, e confesso que eu tinha enorme necessidade dessa ajuda.

Devolvo-lhe suas cartas, exceto as duas últimas que me escreveu e que guardarei cuidadosamente. Quero relê-las mais vezes ainda do que li as primeiras, para evitar uma recaída. Mas como elas me custam, e como eu teria sido feliz se você tivesse deixado que eu o amasse para sempre! Reconheço que me ocupo muito ainda com o meu ressentimento e sua infidelidade, mas lembre-se de que prometi a mim mesma um estado mais razoável, que espero atingir, ou então tomarei contra mim uma decisão drástica, de que você saberá sem grande desgosto. Não quero mais nada de

você. Sou uma louca, vivo dizendo a mesma coisa várias vezes. Preciso deixá-lo, e nunca mais pensar em você. Creio mesmo que não voltarei a lhe escrever. Que obrigação tenho eu de lhe explicar todos os meus sentimentos?

Au Lecteur

J'ai trouvé les moyens, avec beaucoup de soin et de peine, de recouvrer une copie correcte de la traduction de cinq Lettres Portugaises, qui ont été écrites à un Gentilhomme de qualité qui servait en Portugal. J'ai vu tous ceux qui se connaissent en sentiments, ou les louer, ou les chercher avec tant d'empressement, que j'ai cru que je leur ferais un singulier plaisir de les imprimer. Je ne sais point le nom de celui auquel on les a écrites, ni de celui qui en a fait la traduction, mais il m'a semblé que je ne devais pas leur déplaire en les rendant publiques. Il est difficile qu'elles n'eussent, enfin, paru avec des fautes d'impression qui les eussent défigurées.

re, revelou ter encontrado num exemplar antigo das *Cartas* a seguinte nota manuscrita, de caligrafia anônima: "A religiosa que escreveu essas cartas se chama Mariana Alcoforado, freira em Beja, entre a Estremadura e a Andaluzia. O cavalheiro a quem as cartas foram escritas era o conde de Chamilly, chamado então de conde de Saint-Léger."

De fato, descobriu-se que o convento da Conceição de Beja abrigara, na segunda metade do século XVII, uma religiosa chamada Mariana Alcoforado, nascida em 1640 e morta em 1723. Confirmavam-se, assim, os fatos e a autenticidade das *Cartas*.

Mariana Alcoforado nasceu em Beja, província do Alentejo, movimentado centro militar no tempo das guerras de Restauração que Portugal empreendeu contra a Espanha (1640-1668). Aos onze anos de idade, Mariana entrou para o convento, numa época em que o ingresso nessas instituições já não se fazia por vocação, mas sim para "refúgio de muitos filhos segundos, em especial das mulheres", conforme um historiador da época. Isso porque "a lei dos vínculos, tendente a impedir o desmembrar das grandes casas na partilha de bens entre irmãos, levava muitas vezes à imo-

lação dos mais novos. Os conventos enchiam-se de rapazes e moças sem vocação eclesiástica, postos à margem pelos próprios pais".¹

No espírito da Restauração, de fundo nacionalista, estava o interesse de restabelecer também o sentimento religioso, e a decência da vida monástica, então em franca decadência, como narra outro historiador: "O encontro de homens e mulheres à porta ou no adro das igrejas era motivo de escândalo para os fiéis. O decreto de 15 de janeiro de 1657 proibia essa reunião em lugares sagrados, para 'atalhar à inquietação com que se assiste'. Quem se eximisse à lei, sofria penas pecuniárias e prisão, podendo ir mesmo até ao desterro no Norte da África ou nas fronteiras. O decreto de 16 de janeiro de 1658 tornava extensiva a proibição aos que, nos mesmos locais, se limitassem a olhar para as mulheres que freqüentavam a igreja. A situação não melhorou, porque um outro decreto ameaçava os homens que mantinham 'familiaridade suspeita' com religiosas. Cinco anos depois, como as igrejas continuavam a servir de local de en-

¹ Maria da Graça Freire, na "Apresentação" a *Cartas de Mariana Alcoforado* (Rio de Janeiro: Livraria Agir Ed., 1962).

contro, chegando a ameaçar-se os padres que a tal se opunham, o decreto de 8 de junho de 1667 visava pôr fim a 'estas cousas indecentes', ordenando-se à justiça o cumprimento da legislação em vigor."¹

Foi nessas circunstâncias que Mariana Alcoforado conheceu o conde de Chamilly, cujo verdadeiro nome era Noel Bouton, nascido na França em 6 de abril de 1636, e morto em 1717. Chamilly chegou em Portugal em 1663, como capitão de cavalaria das tropas francesas que foram em auxílio de Portugal contra os espanhóis. Esteve no cerco de Valença de Alcântara e na derrota dos espanhóis em Castelo Rodrigo (1664), na batalha de Montes Claros e no combate do rio Xevora (1665), na tomada de Benses, Guardia, Paimogo e São Lucar.

Os irmãos e um cunhado de Mariana Alcoforado, oficiais do exército português, é que apresentaram a freira ao conde de Chamilly, numa das muitas visitas que esses rapazes faziam ao convento. O caso de amor entre Mariana e Noel começou e se desenvolveu dentro do convento, onde Chamilly entrava provavelmente disfarçado, como sugere o his-

¹ Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*. Vol.V (Lisboa: Editorial Verbo, 1980).

toriador Manuel Ribeiro: "Por onde entrou então Chamilly? Por onde toda a gente entrava: pela portaria. É preciso considerar que por ali passavam todos os dias brigadas de operários, pedreiros, carpinteiros, serradores, pintores, que na roda do ano procediam a reparações no enorme e velho edifício, sem falar nas obras novas (...) Chamilly entrou disfarçado de operário (...) ajudado duma cumplicidade interior."¹

Ainda hoje há quem questione a autenticidade das *Cartas Portuguesas*, embora diversos estudos de eruditos portugueses e franceses já tenham encerrado todas as dúvidas. E de fato sempre sobreviveu às dúvidas, com grande sucesso de público, esta história da paixão ardente entre uma freira enclausurada e um oficial militar nos idos de 1600 — mas é o valor histórico, de folhetim popular, que se sobrepõe, talvez ao valor literário das cartas.

Como se perderam os originais em português, o que se tem nas mãos no que diz respeito ao texto das cartas é um raro caso de "retroversão" (mais do que de tradução) do francês para a língua original. Para esta edição

¹ *Vida e Morte de Mariana Alcoforado* (Lisboa: Livraria Sá da Costa Ed., 1940).

brasileira das *Cartas*, minha preocupação foi a de aproximar o texto o máximo possível do português do Brasil contemporâneo, numa espécie de retroversão tripla: de língua estrangeira para língua original; de língua original para língua “derivada” em gramática e sotaque; de época remota para época mais presente. Achei que essa era a forma de tornar mais atraente, porque mais compreensível, ao leitor essas cartas que, no final das contas, também ele, como eu, como todos nós, já escrevemos um dia — as comoventes e sempre ridículas, como bem disse (ainda bem) o também português Fernando Pessoa, as ridículas cartas de amor.

Marilene Felinto

Ao Leitor

Com muito cuidado e dificuldade, encontrei os meios de recuperar uma cópia correta da tradução das cinco *Lettres Portugaises*, escritas a um nobre fidalgo que serviu em Portugal. Vi todos aqueles que conhecem de sentimentos quer a louvá-las quer a procurá-las com tanto empenho que, ao imprimi-las, acredito proporcionar-lhes um raro prazer. Não sei o nome daquele a quem foram escritas, nem daquele que fez a tradução, mas pareceu-me que não devo lhes desagradar por torná-las públicas. Por fim, seria difícil evitar que elas saíssem sem falhas de impressão que as deturpassem.

(Claude Barbin, o editor, 1669.)

Primeira Carta

Pense no quanto você não conseguiu prever o que aconteceria, meu amor. Quanta infelicidade! Fomos traídos por falsas esperanças. A paixão em que você depositava tantos planos de alegria não lhe causa hoje senão extrema angústia, só comparável à própria crueldade da ausência que ela mesma provoca.

Será que essa ausência — à qual minha dor, por mais complexa que seja, não consegue dar um nome amargo o suficiente —, será que me privará para sempre de olhar nesses olhos em que eu via tanto amor, que me moviam, que me enchiam de alegria, que me valiam por todas as coisas e que, enfim, me bastavam?

Eis que os meus é que foram privados da única luz que os animava. Não lhes resta senão as lágrimas. E eu não os tenho empregado em nenhum outro objetivo que o deste choro ininterrupto — depois de compreender que você se decidiu por um afastamento tão insu-

portável para mim que me fará morrer em pouco tempo.

Mas parece que eu tenho uma fixação qualquer até mesmo por essa infelicidade de que você é a única causa. Assim que o vi, entreguei-lhe minha vida; e sinto mesmo algum prazer em sacrificá-la por você.

Mil vezes ao dia envio na sua direção os meus suspiros; eles procuram você por todos os lugares e, como recompensa para tanta ansiedade, não me trazem senão a mais franca advertência da minha má sorte — ela que é cruel o bastante para não tolerar que eu me iluda, e que me diz a todo momento: pare, Mariana, sua louca, pare de se consumir em vão, de procurar por um amante que você não verá nunca mais, que atravessou os mares para fugir de você, que está na França mergulhado em prazeres, que não pensa um único instante nessas suas dores, e que, ingrato, dispensa todo esse seu delírio.

Mas não, não posso chegar ao ponto de julgá-lo tão ofensivamente, e estou mais interessada em justificar você: absolutamente não consigo imaginar que você me esqueceu. Já não estou infeliz o suficiente para me deixar atormentar por falsas suspeitas? E por que devo me esfor-

çar para esquecer todo o cuidado com que você me declarou seu amor?

Fiquei tão seduzida por sua delicadeza que seria ingrata se não amasse você com o mesmo ímpeto a que minha paixão me conduzia enquanto eu gozava do testemunho da sua. Como é possível que lembranças de momentos tão agradáveis tenham se tornado tão cruéis? E — como que contra a natureza — não sirvam senão para tyrannizar meu coração?

Eis que sua última carta reduziu-o a um estranho estado: ele palpitava tão exaltado que parecia se esforçar para se separar de mim e ir ao seu encontro. Fiquei tão abalada por todas essas emoções violentas que perdi os sentidos por mais de três horas. Era o modo de eu me proteger, de não ter que voltar a uma vida que devo perder por você, já que não posso mais conservá-la para você.

No final, voltei a mim, ainda sem querer, eu que já me vangloriava de sentir que morria de amor. Aliás eu gostava da idéia de já não precisar ver meu coração dilacerado pela saudade. Depois desse desmaio, tive várias diferentes indisposições — mas como poderia eu não adoecer se não o verei mais? Suporto esses males, no entanto, sem me queixar, pois eles

vêm de você. Será essa a recompensa que me dá por eu ter amado você com tanta ternura?

Mas não importa. Estou decidida a adorar você por toda a minha vida, e a não ver qualquer outra pessoa. Tenho certeza de que seria melhor se também você não amasse mais ninguém. Será que você se contentaria com uma paixão menos ardente do que a minha? Talvez você encontre mais beleza (embora tenha dito que sou bonita). Mas não encontrará jamais tanto amor. E todo o resto não é nada.

Não preencha mais suas cartas com coisas inúteis, nem me diga mais para eu me lembrar de você. Não consigo esquecê-lo. E não me esqueço também de que você me fez esperar; de que viria passar algum tempo comigo. Ah! Por que não vem passar toda a sua vida?

Se me fosse possível sair dessa clausura infeliz, eu não ficaria esperando aqui em Portugal pelo resultado de suas promessas — sem medir distância, iria procurar você, acompanhar e amar você por todo o mundo. Não ousa ter a ilusão de que isso possa acontecer, nem quero, de modo algum, alimentar uma esperança que certamente me proporcionaria prazer — porque só quero mesmo sentir a minha dor.

Mas confesso que surpreendi em mim uma onda de alegria quando meu irmão permitiu que eu escrevesse a você, e que isso conteve por algum instante a angústia em que me encontro. Imploro que me diga por que insistiu em me seduzir daquela forma, se já sabia que teria de me abandonar. Por que tanta obstinação em me causar infelicidade? Por que não me deixou em paz na minha clausura? Que mal fiz a você? Mas peço perdão. Não atribuo nada a você. Não tenho condições de pensar em vingança. Acuso unicamente o rigor do meu destino.

Parece-me que, ao nos separar, ele nos fez todo o mal que podíamos temer. Mas não saberá separar nossos corações. O amor — mais poderoso que ele — uniu-os por toda a nossa vida. Se você tem algum interesse na minha, escreva-me muitas vezes. Mereço ao menos que me mantenha informada sobre seus sentimentos, sua vida.

Adeus. Não consigo me afastar desse papel que chegará a suas mãos. Quisera eu ter a mesma sorte. Que louca que sou! Pois sei muito bem que isso não é possível. Adeus, não agüento mais. Adeus. Que você me ame sempre. E me faça sofrer ainda mais.